

Irmãos, Deus é Amor!

John Piper

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

No último outono, falei sobre liderança. Defini liderança espiritual como saber onde *Deus* quer que as pessoas estejam e tomar a iniciativa para chegar ali, pelos meios dados *por Deus*, confiando no poder *de Deus*. Sugeri que a forma de descobirmos onde Deus quer as pessoas é perguntar para onde Deus está se dirigindo. A resposta, penso, é que Deus ama sua glória e que almeja magnificar sua glória em tudo o que faz.

A objeção que se levanta é que eu faço Deus ser um egomaniaco egoísta que parece nunca agir por amor. Mas de fato eu creio que Deus age por amor. Ele é amor. Precisamos ver como Deus pode ser por sua glória, e por nós também. Precisamos ver que quando Deus mantém seu primeiro e grande mandamento, ele não cessa de manter o segundo mandamento. A melhor forma que conheço para mostrar isso é explicar como Deus é santo, justo e amor, e como estas coisas estão inter-relacionadas.

Deus é Santo

Quando descrevemos Deus como santo, queremos dizer que ele é um de um tipo. Não há ninguém como ele. Ele está numa classe por si mesmo.

Moisés ensinou Israel a cantar: “Ó SENHOR, quem é como tu entre os deuses? Quem é como tu, glorificado em santidade, terrível em feitos gloriosos, que operas maravilhas?” (Êxodo 15:11). Centenas de anos após, Ana, a mãe de Samuel, ensinou Israel a cantar: “Não há santo como o SENHOR; porque não há outro além de ti; e Rocha não há, nenhuma, como o nosso Deus” (1Samuel 2:2). E Isaías (40:25) cita Deus falando: “A quem, pois, me comparareis para que eu lhe seja igual? —diz o Santo”.

Deus é santo em sua exclusividade absoluta. Tudo o mais pertence a uma classe. Somos humanos. Labrador é um cachorro, o carvalho é uma árvore. Terra é um planeta, a Via Láctea é uma das milhões de galáxias, Gabriel é um anjo, Satanás é um demônio. Mas somente Deus é Deus. E, portanto, ele é santo, absolutamente diferente, distinto e único.

Tudo o mais é criação. Somente ele cria. Tudo o mais começa. Somente ele sempre foi. Tudo o mais depende de algo. Somente ele é auto-suficiente.

E, portanto, a santidade de Deus é sinônimo de seu valor infinito. Diamantes são valiosos porque são raros e difíceis de fazer. Deus é infinitamente valioso porque ele é o mais raro de todos os seres e não pode ser criado de forma alguma, nem foi ele alguma vez feito. Se eu fosse um colecionador de tesouros rasos e pudesse de alguma forma ter Deus, o Santo, em meu tesouro, seria mais rico do que todos os colecionadores de todos os tesouros mais raros que já viveram.

Apocalipse 4:8-11 relata os cânticos que estão sendo cantados a Deus no céu. O primeiro diz: “Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir”. O segundo diz: “Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder”. Estes dois cânticos significam a mesma coisa. Deus é santo significa que ele é digno. Sua santidade é o seu imensurável valor e dignidade. Nada pode ser comparado com ele, pois ele fez tudo. Seja qual for a glória que faça uma coisa criada ser valiosa, a mesma é encontrada no Criador numa proporção maior do que milhões sobre milhões.

“Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória”, diz o sefarim acima do seu trono (Isaías 6:3). Habacuque grita: “Deus vem de Temã, e do monte Parã vem o Santo. A sua glória cobre os céus, e a terra se enche do seu louvor” (Hab. 3:3). E o próprio Senhor diz em Levítico 10:3: “Mostrarei a minha santidade naqueles que se chegarem a mim e serei glorificado diante de todo o povo”.

A santidade de Deus é o valor infinito absolutamente único de sua glória majestosa. Dizer que nosso Deus é santo significa que ele é belo acima de qualquer graduação na magnificência de sua glória e que seu valor é infinitamente maior do que a soma do valor de todos os seres criados.

Deus é Justo

Em seu fundamento, a justiça de Deus significa que ele tem uma avaliação correta do seu próprio valor último. Ele tem uma consideração justa da sua própria dignidade infinita, e executa todas as ações em conformidade com esta avaliação correta de si mesmo.

Deus seria injusto e irresponsável se negasse seu valor último, negligenciasse sua dignidade infinita e agisse como se a preservação e demonstração da sua glória fosse digno de algo menos que seu comprometimento devoto. Deus age em justiça quando age por causa do seu próprio nome. Por isso, não seria justo Deus estimar algo acima da glória infinita do seu próprio nome.

Salmo 143:11 diz: “Vivifica-me, SENHOR, por amor do teu nome; por amor da tua justiça, tira da tribulação a minha alma”. Similarmente, Salmo 31:1 diz: “Livra-me por tua justiça”. E o versículo 3 adiciona: “Por causa do teu nome, tu me conduzirás e me guiarás”. De forma semelhante, em Daniel 9:16-17 o profeta ora: “Ó Senhor, segundo todas as tuas justiças, aparte-se a tua ira e o teu furor da tua cidade de Jerusalém... Agora, pois, ó Deus nosso, ouve a oração do teu servo e as suas súplicas e sobre o teu santuário assolado fazes resplandecer o rosto, por amor do Senhor”. Um apelo à justiça de Deus é, no fundo, um apelo à sua lealdade inabalável ao valor do seu nome glorioso.

Para Deus ser justo, ele deve se dedicar 100 por cento, com todo o seu coração, alma e força, a amar e honrar sua própria glória.

E é isso que ele faz. O ponto principal de Efésios 1 é repetido três vezes: Deus “nos destinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça” (vs. 5-6). “A fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que de antemão esperamos em Cristo” (v.

12). “O Santo Espírito da promessa... é o penhor da nossa herança, ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória” (vs. 13-14). Tudo da obra de Deus na criação e redenção é feito para honrar e demonstrar sua própria glória.

Deus é supremamente e inquestionavelmente justo, pois ele nunca evita uma avaliação correta do seu valor último, uma justa consideração da sua dignidade infinita, ou um compromisso inabalável de honrar e demonstrar sua glória em tudo o que faz.

Deus é Amor

O amor de Deus de forma alguma conflita com sua santidade e justiça. Pelo contrário, a própria natureza da santidade e justiça de Deus demanda que ele seja um Deus de amor. Sua santidade é a exclusividade absoluta e valor infinito de sua glória. Sua justiça é seu compromisso inabalável de sempre honrar e demonstrar esta glória. E sua glória todo-suficiente é honrada e demonstrada mais por seu trabalho por nós do que nosso trabalho por ele. E isto é amor.

Amor está no próprio centro do ser de Deus, pois a livre e soberana dispensação de misericórdia por Deus é mais gloriosa do que seria a demanda para humanos preencher algum vazio nele. É mais glorioso dar do que receber. Portanto, a justiça de Deus demanda que ele seja um doador. Portanto, o Santo e Justo é Amor.

Jesus Cristo é a encarnação do amor de Deus. E quando ele veio, disse: “Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Marcos 10:45).

O Filho do Homem não veio procurar empregados. Ele veio empregar-se para o nosso bem. Não ousamos tentar trabalhar para ele, a fim de roubá-lo de sua glória e contestar sua justiça. O apóstolo Paulo diz: “Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como dívida. Mas, ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça” (Romanos 4:4-5). Mesmo quando desenvolvemos nossa salvação em temor e tremor, a única razão pela qual poderemos levantar um dedo é que Deus é aquele que “efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Filipenses 2:13).

Embora Paulo tenha trabalhado mais duro do que qualquer um dos outros apóstolos, ele declara: “Todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo” (1Coríntios 15:10). Portanto, em Romanos 15:18 ele declara: “Porque não ousarei discorrer sobre coisa alguma, senão sobre aquelas que Cristo fez por meu intermédio”. Paulo estava totalmente convencido que nenhuma benção na vida deve-se no final das contas ao querer ou correr do homem, mas a Deus, que tem misericórdia (Romanos 9:16).

Deus pretende receber toda a glória em nossa redenção. Portanto, ele é inflexível no fato que trabalhará para nós e não nós para ele. Ele é o trabalhador; permanecemos carentes dos seus serviços. Ele é o doutor; somos o paciente doente. Somos o fraco; ele é o forte. Temos o calhambeque estragado; ele é o mecânico talentoso. Devemos nos acautelar para não tentarmos servi-lo duma forma que o desonre, pois ele tem como objetivo receber toda a glória. Como Pedro diz (1 Pedro 4:11): “Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus; se alguém serve, faça-o na força que Deus

supre, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!”.

Assim, Deus é amor, não a despeito de sua paixão para promover sua glória, mas precisamente por causa disso. O que poderia ser mais amoroso do que o Deus santo e infinito parando para trabalhar por nós? Todavia, ao trabalhar por nós, ao invés de necessitar do nosso trabalho, ele magnifica sua própria auto-suficiência gloriosa. Ela é a correnteza que glorifica a plenitude da fonte. E a correnteza que flui de Deus é amor. Se ele cessasse de buscar sua própria glória, ele seria de nenhum valor para nós. Mas – louvem a Deus! – ele é santo, ele justo e, portanto, ele é amor.